

## CONVERSA EM CASA DO POETA JOÃO CABRAL DE MELO NETO

*Nicolás Extremera Tapia*  
Universidade de Granada /ES  
[netapia@ugr.es](mailto:netapia@ugr.es)

Há muitos anos, ciente do nosso interesse pela obra de Cabral de Melo Neto, uma bela tarde, Leodegário de Azevedo Filho nos propôs inesperadamente visitar o poeta na sua casa. Sem duvidar nos apresentamos, com um gravador, pois o poeta aceitava responder formalmente às questões que nos tinham interessado. A conversa discorreu sem rumo por diversos modos até arribarmos ao porto seguro de sua poesia.

Não foi possível registrar integralmente a conversa, porque o poeta, perante alguns temas que considerava comprometidos, nos pedia deter a gravação; salvos os escolhos, recuperava seu fluxo e com esses fragmentos construímos a entrevista que se segue.

Foi publicada por meio digital no primeiro número da Revista *Maresia*, em 2006, dedicada ao público do outro lado do Atlântico, e agora, por ocasião da Homenagem a Leodegário de Azevedo Filho, a sua mulher Ilka sugere que se publique, atendendo ao leitor brasileiro.

O tema da entrevista, a atitude de Cabral, a mediação e participação de Leodegário de Azevedo Filho, que só foi registrada nas nossas memórias, dão boa conta do talante de ambos, do seu caráter aberto, interesse e conhecimento de outras culturas, do seu ânimo integrador e seu afã por fomentar as relações interculturais.

Modelos ambos duma geração em que a intelectualidade brasileira atingiu valores muito altos de esplendor e internacionalismo, desejamos unir aos seus nomes os nossos em homenagem ao amigo tão querido.

**CONVERSA EM CASA DO POETA JOÃO CABRAL DE MELO NETO, NA PRAIA DO FLAMENGO, EM 14 DE JULHO DE 1993<sup>1</sup>**

**NICOLÁS** - Existe alguma relação entre a sua atitude ante o surrealismo com a sua primeira vinda à Espanha e o contato com os poetas espanhóis?

**CABRAL DE MELO NETO** - Não, é anterior. A coisa que me deu coragem de ser contra essa espontaneidade, esse automatismo do surrealismo, foi a arquitetura. No fundo devia ser arquiteto. Eu convivia com um grupo de arquitetos, no Recife, uma das primeiras cidades com arquitetura funcional inspirada em Le Corbusier. Eles me deram livros de Le Corbusier que me marcaram profundamente. Me deram a coragem de ir contra a espontaneidade do surrealismo. Ele detestava o surrealismo. Me deu coragem para não ter vergonha do meu construtivismo; me deu coragem de ir a contrapelo, coisa que depois achei em Valéry, em Pound.

O Professor Secchin pediu para fazer a edição dos primeiros poemas que eu fiz com 17 ou 18 anos, poemas que eliminei de *Pedra de Sono* e um poema posterior que incluí em *Museu de Tudo*.

**NICOLÁS** - Qual é a relação da sua poesia com a música e a pintura?

**CABRAL DE MELO NETO** - Tudo quanto entra pelo ouvido... Eu perdia o interesse nas conferências. A pintura tem relação com a minha poesia. Eu estou muito mais perto da pintura do que da música. Qualquer linguagem participa das duas.

Jorge Guillén tem um verso superior ao meu, mas não tem a minha criatividade. A poesia dele é mais abstrata do que a minha. A linguagem participa da música e da pintura. Mas a pessoa pode tratar a linguagem com a música ou com a pintura.

Eu sempre fui muito interessado pelo cinema. Pedacos dos meus poemas são puro cinema. Pode-se dizer: "muitos cavaleiros morreram", mas é puro cinema dizer: "muitos cavalos fugiram sem seus donos". Berceo em Santa Oria, quando ela é levada para o Céu dormida, é a mesma coisa. Encontram lá um palácio furado (*horadado*), é um Ceu concreto, cheio de janelas, com entrada e saída: imagem material e visual. Estava o Ceu fechado, com hora de entrada e saída! Gonzalo de

Berceo não imaginava um Ceu abstrato. Pousaram a alma de Santa Oria à espera de que abrissem.

**NICOLÁS** - Dentro do visual, o João Miró não tem perspectiva?

**CABRAL DE MELO NETO** - Ora, eu escrevi um livrinho sobre o Miró. A perspectiva é uma criação do Renascimento. A perspectiva, a composição triangular, começava a dirigir a pintura posterior. Eu tenho a maior admiração pelos cubistas, o abstracionismo concreto, seguem as leis da composição do Renascimento, apesar de não terem a figura, de não serem figurativistas. O primeiro pintor, João Miró, começou a pintar do meio do quadro para o lado; sem consideração do limite do quadro, como se o quadro dele estivesse derramando: pintura de dentro para fora. Em Berna, Paul Klee fez a mesma coisa. São dois pintores que romperam com essa coisa que vem do Renascimento.

**NICOLÁS** - O senhor conhecia a obra de Picasso antes da obra do Miró?

**CABRAL DE MELO NETO** - Picasso sempre me interessou muito, como os poetas, chamados na França, cubistas. O livro de Reverdy<sup>2</sup>, que eu li no Recife, me marcou muito, não o lado religioso, mas compreendi que ele tratava a linguagem de forma concreta. Poeta cubista era chamado, mas não tem nada a ver com ele.

**NICOLÁS** - Formalmente a sua poesia está perto do romance. Que relação tem com a literatura espanhola?

**CABRAL DE MELO NETO** - Os versos de sete sílabas que vocês (os espanhóis) chamam de oito, é o verso popular. Na França, o verso popular é de oito, que para vocês é o de nove. Quando eu comecei a metrificar, o meu mestre foi Joaquim Cardoso<sup>3</sup>, de cultura extraordinária, e ele disse-me: "A gente não metrifica numa medida, a gente metrifica em volta duma medida". É dizer, quando se metrifica em sete, se está metrificando em oito ou em seis. Depende muito do leitor. Eu, com o

meu sotaque pernambucano, tenho versos que eu leio diferente dum paulista. A gente não metrifica, a gente metrifica em volta duma medida. Apenas eu me voltei para o verso metrificado (eu não tenho nada de espontâneo), porque eu precisava de uma coisa exterior que me obrigasse. A minha imaginação funciona melhor canalizada do que espontaneamente. Em *Paisagem com figuras*, eu metrifico com sete, que é o verso do romance; em *Vida e morte Severina*, com verso do romance também. O verso de sete sílabas é a medida natural, é um verso muito fácil. Eu passei a metrificar a partir de certa época no metro de oito sílabas, para que não fosse fácil. Não é espontâneo e por isso me interessa. O verso de sete sílabas sem acentuação interna regular; o verso de oito precisa duma cesura. Eu pretendi fazê-lo sem cesura. Manuel Bandeira me deu uma folha que dava todos os tipos possíveis de verso de oito sílabas com acentuação interna. O que me interessa é fazer um verso de oito sílabas, mas sem cesura regular, que não tenha uma acentuação interna regular.

**NICOLÁS** - Disciplina, mas não hábito?

**CABRAL DE MELO NETO** - *Educação pela Pedra* tem um verso mais longo, em volta de oito; eu o usei com o propósito de evitar o decassílabo camoniano, que viciou o ouvido brasileiro. Evitei fazer decassílabos com a cesura na sexta sílaba. Eu fiz versos mais longos, mas não sempre iguais.

Os decassílabos franceses são de origem italiana. Valéry nunca põe a cesura na sexta. Ele utilizou o decassílabo, porque disse que foi uma medida desprezada pelos franceses. Ele acentuou a quarta sílaba. Camões estragou tudo o que veio detrás dele, automatizou o ouvido brasileiro.

Eu uso o verso de oito sílabas sem acentuação interna; não uso o de sete porque me parece fácil demais e me parece cantante demais, e eu procuro evitar o cantante quanto posso; o verso de oito não é cantante e, além do mais, faço a cesura anarquicamente, onde "*me da la gana*".

Em *Educação pela Pedra* fiz de propósito para evitar o verso camoniano, nove, dez, onze e doze, mas nunca com acentuação camoniana, na sexta sílaba.

**NICOLÁS** -- Há na sua obra um interesse contínuo pelos poetas de Mester, poetas de ofício, Berceo, o Poema do Cid?

**CABRAL DE MELO NETO** - Sim. Berceo, Arcipreste, Góngora, o Século de Ouro. A literatura espanhola perde com a invasão dos franceses. Até Felipe V, a literatura espanhola é de coisas concretas.

**NICOLÁS** - E o Romanceiro espanhol?

**CABRAL DE MELO NETO** - Eu estudei sistematicamente a Literatura espanhola. Estudei o Romanceiro.

**NICOLÁS** - E o flamenco? Qual é a relação com o flamenco e a sua obra?

**CABRAL DE MELO NETO** - É um gênero muito especial. Tem a letra, tem essa concretude da poesia primitiva espanhola, de Góngora, inclusive de Lorca. *"Los ojitos de tu cara tienen los cristales muertos"*. É uma mineralização duma coisa animal: *"los ojos"*. Depois volta a animalizar uma coisa que não morre, como os cristais. Isso é que eu chamo objetividade: a concretude do flamenco.

**NICOLÁS** - Gosta mais da letra do que da música?

**CABRAL DE MELO NETO** - Gosto da música, mas a letra do flamenco não tem concessão com o popular. Eu conheci pessoalmente e ouvi cantar, e depois nos discos, Manolo Caracol, Antonio Mairena. Deste último gosto mais porque era mais frio. Toureiros: conheci Manolete, Ordoñez...

**NICOLÁS** - O senhor acha que há alguma relação entre a poesia primitiva espanhola e o flamenco?

**CABRAL DE MELO NETO** - Gosto muito do flamenco, mas da literatura primitiva ainda mais. Eu prefiro a palavra concreta. Quando eu descobri a literatura

espanhola foi um deslumbramento. Compreendi que estava feita com coisas. Eu conheci o flamenco, cantores, bailarinos. Depois disso, Lorca perdeu um pouco de originalidade.

**NICOLÁS** - Mas Lorca está perto do flamenco, como Falla!

**CABRAL DE MELO NETO** - Eu conheci o flamenco não estilizado.

**NICOLÁS** - Qual é esta relação entre Andaluzia e a feminilidade, e Pernambuco e a masculinidade?

**CABRAL DE MELO NETO** - A primeira vez em Barcelona, eu não tinha vontade de ir para Sevilha. Em Barcelona comecei a conviver com o flamenco, em "*casas de fiestas*". Os meus amigos catalães não o compreendiam. Eu não queria ir para Sevilha, porque era muito longe. Era uma coisa inconsciente. Eu tinha medo de ficar fascinado por Sevilha.

Sevilha é uma cidade profundamente feminina. Pernambuco, a zona da mata, onde nasci e cresci, (o meu pai tinha um engenho de açúcar) é úmido; mas o agreste sertão é mais masculino, a sua virilidade, sua aspereza. Em alguns poemas meus, quando viajei por Castela, achei muito de Pernambuco; ainda não conhecia Andaluzia. Nesta obra de 9/9, há um único poema do flamenco que conheci em Barcelona.

**NICOLÁS** - Tinha algum círculo de poetas em Sevilha?

**CABRAL DE MELO NETO** -- Sim, um grupo de amigos mais velhos do que eu, dois poetas: Rafael Laffón<sup>4</sup> e Julio (sic) Joaquin Romero Murube, director del Alcázar<sup>5</sup>. Mais moços, Julio Mariscal<sup>6</sup>, Manuel Mantero<sup>7</sup>, Aquilino Duque<sup>8</sup>. Detesto escrever cartas. Quando deixo um posto, nunca escrevo aos amigos, penso neles, mas nunca escrevo. Eu passaria uma vida para escrever uma carta.

**NICOLÁS** - E Joan Brossa<sup>9</sup>?

**CABRAL DE MELO NETO** - Com *Dau al Set*, era muito amigo meu. Pons veio para São Paulo, mas depois morreu.

Os meus poemas sobre Andaluzia foram publicados numa edição para a Expo de Sevilha. Só tenho um exemplar. Sebastião Lacerda ficou com um só. Foram editados no Itamarati, pela Nova Fronteira, que financiou a edição, muito cuidada, mas foram distribuídos antes da minha chegada a Sevilha, onde fui como representante de Collor, a 6 de Setembro de 1992. O editor também não tem.

Há traduções para o espanhol de Crespo<sup>10</sup> e outra em Visor de Pablo del Barco<sup>11</sup>. Também Santos Torroella<sup>12</sup>, que foi muito amigo meu, traduziu alguns poemas meus.

Eu servi seis vezes em Espanha, duas em Barcelona, duas em Sevilha e duas em Madrid. Em Abril de 1947 cheguei a Barcelona como Vice-Cônsul até Agosto de 1950, quando fui para Londres. Entre 1960 e 1961 morei em Madrid; estive em Sevilha, primeiro de 1956 até 1958, e depois voltei para ficar durante os anos 1962-1964. Nos anos 1967-1969, estive como Cônsul Geral em Barcelona.

**NICOLÁS-** Acha alguma relação entre a literatura de cordel e a literatura espanhola?

**CABRAL DE MELO NETO** - Eu conheci, de menino, a literatura de cordel. A sua complexidade estrófica me marcou, mas os temas dramáticos não têm nada com a minha obra.

**NICOLÁS--** A paisagem: os canaviais de Pernambuco e de Málaga?

**CABRAL DE MELO NETO** - Pernambuco é latifúndio "a perder de vista". A primeira vez em Málaga, fiquei impressionado porque era no quintal. Em Málaga a produção

de cana é menor do que no Rio!

Há uma coisa que eu detesto, o abstracionismo lírico. Adoro Mondrian. Eu procuro escrever como vigia, sem espontaneidade.

**NICOLÁS-** E Lorca. Qual é a presença de Lorca na sua obra?

**CABRAL DE MELO NETO** - Eu li Lorca. É um grande poeta, dos maiores do século em Espanha, mas um pouco decorativo: é um "moinho de imagens". Eu conheci o flamenco em Sevilha; os touros em Barcelona no ano 1947. Mas achava Lorca um pouco decorativo; Miguel Hernández "*mas entrañable, porque viene de las tripas*". Na falta de decorativismo de Berceo, do Mester de Clerecia, no Século de Ouro há coisas que me entusiasmam, Góngora... Mas a literatura espanhola primitiva foi a que mais me marcou. Soto de Rojas, Espinel me influenciaram. O Romantismo espanhol, nunca me entusiasmou. A literatura de influencia francesa foi má. Aqui negativamente. A Geração de 98, Machado, Valle Inclán, mas não tenho interesse por Juan Ramón Jiménez. O mundo das preferências é o mundo mais misterioso que há. Da Geração de 27, tenho grande entusiasmo por Cernuda, Aleixandre, influenciados pelo surrealismo. O caráter espanhol tem tanta força! Acho-os melhores do que os surrealistas franceses.

Miguel Hernández foi influenciado pelo surrealismo. Espanha tem esta coisa que para mim é um segredo: o popular. Não sei se foi Ortega quem disse: "*en España lo que no es popular es pedantería*". É esta coisa do popular no canto flamenco que me entusiasma.

**NICOLÁS-** E Antonio Machado?

**CABRAL DE MELO NETO** - Gosto muito de *Campos de Castilla*, *Galerías* interessa-me menos.

**NICOLÁS-** Qual é a sua relação com Fernando Pessoa?

**CABRAL DE MELO NETO** - A literatura portuguesa está hoje toda movimentada em torno de Fernando Pessoa. *Mensagem* me pareceu um livro construído e me interessa muito. Devo dizer que aquele excesso de subjetividade de Pessoa não me interessa; e não o entendo. Isso é quase uma blasfêmia. Para mim, o resto de Pessoa não me interessa. É um poeta tão múltiplo, mas não tem uma teoria poética.

**NICOLÁS**-- Considera-se um poeta objetivo?

**CABRAL DE MELO NETO** - Acontece que, por mais objetivista que seja um sujeito, ele é um sujeito. Por que é que eu falo da cabra e não falei do carneiro? Aí há uma coisa subjetiva, mas não em me confessar. Em *Sevilha andando*, a primeira parte é sobre a minha mulher; agora, por que esta mulher me interessou e não uma inglesa louca? Na escolha, há subjetividade.

**NICOLÁS**-- Continua interessado por Sevilha?

**CABRAL DE MELO NETO** - *Sevilha andando*. A primeira parte é um retrato da minha mulher: *Sevilha andando*. A segunda parte é a cidade de Sevilha: *Andando Sevilha*. Temas sevilhanos e temas anteriores.

**NICOLÁS**-- *Sevilha andando* é o seu último livro?

**CABRAL DE MELO NETO** - Não estou bem de saúde, faltam-me forças físicas para trabalhar. Uma vez perguntei a Cardoso: Como é que escreveu tão pouco? Cardoso riu e disse: "é muito melhor ler do que escrever". Estou de acordo inteiramente com ele.

**NICOLÁS**- *Escreveu crítica em 1954 em São Paulo, num Congresso.*

**CABRAL DE MELO NETO** - Também nos *Cuadernos Hispanoamericanos*, *Poesia e Composição*. Aguilar está fazendo as minhas obras completas. Aguilar pertence à Nova Fronteira. A minha mulher está fazendo a introdução.

**NICOLÁS-** Para quando vai ser a edição da Aguilar<sup>1</sup>?

**CABRAL DE MELO NETO** - Para o fim do ano.

**NICOLÁS-** Qual é o seu melhor crítico?

**CABRAL DE MELO NETO** - É difícil dizer. A crítica... "uma obra de arte é como um diamante", dizia Valéry. Se eu escrevesse uma autocrítica não seria melhor. Cada pessoa tem o seu ponto de vista.

## NOTAS

<sup>4</sup>Com gentileza e por amizade, o Professor Leodegário Amarante de Azevedo Filho levou-nos (Nicolás Extremera Tapia e Luísa Trias Folch) à casa do poeta João Cabral e, depois de nos ser apresentado, iniciamos de forma espontânea uma conversa que, com licença do poeta, gravamos e hoje aqui reproduzimos quase literalmente.

<sup>5</sup>Pierre Reverdy (Narbonne 1889; Solesmes 1960), poeta francês que a partir de 1910 pertenceu ao grupo de vanguarda de Apollinaire e Picasso. Em 1917 fundou a revista *Nord-Sud*, revista surrealista; mas o poeta teve escassa intervenção nas atividades de vanguar

---

<sup>1</sup>Com gentileza e por amizade, o Professor Leodegário Amarante de Azevedo Filho levou-nos (Nicolás Extremera Tapia e Luísa Trias Folch) à casa do poeta João Cabral e, depois de nos ser apresentado, iniciamos de forma espontânea uma conversa que, com licença do poeta, gravamos e hoje aqui reproduzimos quase literalmente.

<sup>2</sup>Pierre Reverdy (Narbonne 1889; Solesmes 1960), poeta francês que a partir de 1910 pertenceu ao grupo de vanguarda de Apollinaire e Picasso. Em 1917 fundou a revista *Nord-Sud*, revista surrealista; mas o poeta teve escassa intervenção nas atividades de vanguarda e preferiu uma existência anônima em

<sup>3</sup>A edição da *Obra Completa* de João Cabral de Melo Neto, organizada por Marly de Oliveira com assistência do autor, foi publicada em 1994, no Rio de Janeiro, pela editora Nova Aguilar S.A.

da e preferiu uma existência anônima em

<sup>6</sup>A edição da *Obra Completa* de João Cabral de Melo Neto, organizada por Marly de Oliveira com assistência do autor, foi publicada em 1994, no Rio de Janeiro, pela editora Nova Aguilar S.A.

harmonia com o sentimento de solidão e dúvida espiritual que se encontra na sua obra. Em *Plustard du temps* (1945) aparece esta dúvida em poemas de agudo detalhe visual, própria do cubismo na sua sensibilidade ante os valores plásticos. Em 1926 foi viver junto da abadia de Solesmes à procura de uma solução religiosa. A poesia escrita em Solesmes (recolhida em *Main d'oeuvre*, 1949) manifesta as suas preocupações com maior riqueza e complexidade. Obras em prosa: *Le gant de crin* (1927) e *Le livre de mon bord* (1948).

<sup>7</sup>Joaquim Cardoso, (Recife, PE, 1897-1978) poeta e arquiteto, trabalhou com Oscar Niemeyer e estreou na poesia aos 50 anos (*Poemas*, 1947). Outras obras: *Prelúdio e elegia de uma despedida* (1952) e *O coronel de Macambira* (1963).

<sup>8</sup>Rafael Laffón poeta sevilhano, nascido em 1900, a sua poesia está caracterizada por uma determinada tendência preciosista derivada do modernismo. Posteriormente evoluiu para um mundo poético mais simples e humano. É autor de *Cráter* (1921), *Signo +* (1927), *Identidad* (1934), *Romances y madrigales* (1944), *Adviento de angustia* (1948) e *Vigilia del jazmín* (1952). Em prosa publicou *La rama ingrata* (1959) e *La cicatriz y el reino* (1964).

<sup>9</sup>Joaquín Romero Murube (Sevilla, 1904-1969), poeta que se deu a conhecer em revistas literárias de Sevilha, onde dirigia *Los Jardines del Alcázar*. A sua poesia, construída com uma dedicada elaboração formal, tem predileção pelos metros clássicos. A sua obra poética é a seguinte: *Canción del amante andaluz* (1941) e *Kasida del olvido* (1945). Em prosa escreveu: *Sevilla en los labios* (1938) e *Discurso de la mentira* (1943). João Cabral cita-o num poema intitulado "O Segredo de Sevilha", em *Sevilha andando*.

<sup>10</sup>Julio Mariscal Montes (Arcos de la Frontera, Cádiz, 1922-1977). Dedicado ao ensino primário, foi um dos poetas mais significativos da Geração de 50. Da sua obra destacamos *Corral de muertos* (1953), *Pasan hombres oscuros* (1955), *Poemas de ausencia* (1957), *Tierra* (1965), *Último día* (1971) e *Trébol de cuatro hojas* (1976). Em 1978 a Universidade de Sevilha publicou uma antologia da sua obra poética. A sua poesia parte de acontecimentos biográficos que procuram uma reflexão existencialista, misturando imagens transcendentais com elementos quotidianos. Encontra-se na sua obra um marcado fatalismo para o ser humano, que faz necessária a ajuda de Deus, adquirindo a sua poesia a forma de uma prece.

<sup>12</sup>Manuel Mantero, poeta sevilhano, nascido em 1930, foi Catedrático de literatura espanhola na Universidade de Georgia e publicou *La carne antigua* (1954), *Tiempo del hombre* (1960) (Prémio Nacional de Literatura), e *Misa solemne* (1966) (Prémio Fastenrath). Autor também de uma Antologia poética. Publicou um

artigo intitulado "Juan Cabral de Melo Neto y el pueblo español" en *La poesía del 'yo' al 'nosotros'; introducción a la poesía contemporánea*, Madrid, Guadarrama, 1971, pp. 199-204.

<sup>13</sup>Aquilino Duque (Sevilla, 1931). Poeta e romancista, mora na Itália. Podemos destacar entre suas obras poéticas *El campo de la verdad* (1958), *De palabra en palabra* (Prémio Leopoldo Panero, 1967) e os romances *La operación marabú* (1966) e *Los consulados del Más Allá* (1966).

<sup>14</sup>Joan Brossa, escritor em língua catalã, desaparecido recentemente, nasceu em Barcelona em 1919. Ligado estreitamente ao movimento vanguardista da pós-guerra espanhola, junto de J.V. Foix e Joan Miró. Editou o único número da revista "Algol", com Arnau Puig, Joan Ponç e Antoni Tàpies. Em Setembro de 1948, fundou com Tharrats e Cuixart "Dau al set". Relacionado com artistas plásticos, publicou a sua primeira obra poética *Poesia rasa* em 1970 e, em 1974, *Poesia escènica*. "Em va fer Joan Brossa" é um volume no qual exprime a antipoesia; o prefácio da primeira edição é da autoria de João Cabral de Melo Neto.

<sup>15</sup>Angel Crespo, poeta desaparecido recentemente, nasceu em Ciudad Real, em 1926. Fundou e dirigiu a revista *Deucalión* (1951-53). Publicou vários livros de poesia como *Una lengua emerge* (1950), *Quedan señales* (1952), *La pintura* (1955), *Todo está vivo* (1956) e *La cesta y el río* (1957). Posteriormente apareceu *Pausa de otoño* (1962) e *No sé cómo decirlo* (1967). Tradutor e estudioso da obra de Fernando Pessoa. Da poesia de João Cabral publicou um estudo com a sua mulher, Pilar Gómez Bedate, "Realidad y forma en la poesía de João Cabral de Melo" na *Revista de Cultura Brasileña*, Madrid, (3-98):5-69, (Marzo de 1964). Além disso, foi autor, além de outras traduções de poemas para espanhol, de uma *Antologia Poética* de João Cabral. (Madrid, Ed. Lumen, 1990). João Cabral dedica-lhe um poema intitulado "Para a Feira do Livro" em *A Educação pela Pedra* (1962-65).

<sup>16</sup>Pablo del Barco (Burgos, 1947) poeta da geração posterior a 1975, destacamos da sua primeira obra *Piedra quejida* (1975), *Versounverso* (1979) *14x14 sonetos* (1980). Mais recentemente tem publicado *Popular* (1987). Da sua responsabilidade é o prefácio, a tradução e as notas de *La Educación por la Piedra*, Madrid, Visor, 1982.

<sup>17</sup>Rafael Santos Torroella, poeta nascido em Port Bou, em 1914, foi tradutor de poetas e prosadores estrangeiros, dirigiu a revista *Cobalto* e tem sido secretário de diversos congressos de poesia, em Segovia, Salamanca e Santiago. Entre os seus livros destacamos *Ciudad perdida* (1949), *Altamire* (1949), *Sombra infiel* (1952), *Nadie*, *Poemas del Avión* (1954), *Hombre antiguo* (1956) (Prémio "Ciudad de Barcelona") e *cerrada noche* (1959). João Cabral dedica-lhe um poema intitulado "A Palo Seco", em *Poesia/Quaderna*.